



CARTAS PARA O FUTURO: QUEM PODERÁ LER?

Martha Milene Fontenelle Carvalho (1); Verônica Maria de Araújo Pontes (2);

Maria Carmem Silva Batista (3)

Universidade Regional do Cariri-URCA; marthainclusão@hotmail.com

Instituto Federal Rio Grande do Norte-IFRN; veronicauern@gmail.com

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN;carmemuern@gmail.br

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo compreender como o desenvolvimento do projeto “Cartas para o futuro: quem poderá ler?” poderá interferir na sensibilização e aprendizagem do sistema de leitura e escrita em Braille por pessoas videntes na Universidade Regional do Cariri, auxiliando assim no processo de aprendizagem e inclusão do sistema Braille. Realizamos uma pesquisa de base qualitativa, caracterizando enquanto uma pesquisa participante, em que intervimos na realidade observada, transformando espaços e relações em que estamos inseridos com propostas de aprendizagem no ensino superior. Estivemos norteados no contexto teórico conforme Ochaíta e Espínola (1993), Birch (1990), Lâredo (2005), Belisário (2005) para aprofundamento do tema. Nossa perspectiva é que a presente discussão possibilite o despertar para a aprendizagem do sistema de leitura e escrita em Braille no ensino superior, não apenas por pessoas com deficiência visual, mas por toda comunidade acadêmica.

Palavras-chave: Cartas; Inclusão; Sistema Braille

Introdução

No contexto atual, ainda é possível visualizar a ausência de práticas pedagógicas que promovam situações inclusivas nos mais variados espaços, que perpassa pelo cuidado e desenvolvimento da leitura e escrita. Torna-se necessário o acontecimento de uma aproximação entre o ideal e o real, quando remetemos ao contexto de alfabetização, desenvolvimento e aquisição da leitura e escrita de pessoas com deficiência visual, já que este

público, utiliza uma forma própria para desenvolvimento dessas aquisições, utilizando um sistema tátil de leitura e escrita, intitulado o Sistema Braille.

A interação da pessoa com deficiência visual perpassa por várias situações sociais, comunicacionais, entre elas, pela utilização do Sistema de Leitura e Escrita em Braille, tão utilizado por poucos. O público em questão, acaba sentindo a necessidade de descobrir outras formas de leitura e escrita como forma de comunicação e interação, como por exemplo o uso das novas tecnologias, já que poucos reconhecem o sistema.

O presente trabalho tem por objetivo compreender como o desenvolvimento do projeto “Cartas para o futuro: quem poderá ler?” poderá interferir na sensibilização e aprendizagem do sistema de leitura e escrita em Braille por pessoas videntes na Universidade Regional do Cariri, auxiliando assim no processo de aprendizagem e inclusão do sistema Braille.

A necessidade de desenvolver o presente trabalho, justifica-se pela experiência atual enquanto docente na Universidade Regional do Cariri, lecionando a disciplina de Sistema de Leitura e Escrita em Braille, bem como pelas vivências com pessoas com deficiência visual, através do trabalho desenvolvido no Núcleo de Acessibilidade da Universidade Regional do Cariri (NUARC), em que realizamos a adaptação de material pedagógico, convertendo leituras e escrita através do sistema Braille no contexto vivenciado. Nesse espaço, os alunos são usuários do sistema Braille, mas em muitas situações revelam necessitar utilizar as novas tecnologias, já que as demais pessoas, entre colegas e professores, não reconhecem o sistema .

A pretensão da presente investigação estaria em compreender como ações inclusivas no ensino superior podem interferir de forma positiva no processo de inclusão e aprendizagem de pessoas cegas e videntes, interferindo na produção do conhecimento e na socialização entre as pessoas, adquirindo habilidade e aprendizagem acerca do Sistema Braille, ainda tão pouco difundido.

Realizamos uma pesquisa de base qualitativa, caracterizando enquanto uma pesquisa participante, em que intervimos na realidade observada, transformando espaços e relações em que estamos inseridos com propostas de aprendizagem no ensino superior. Como aporte teórico trabalhamos com Ochaíta e Espínola (1993), Birch (1990), Lâredo (2005), Belisário (2005), entre outros autores que discutem o processo de inclusão nos seus mais amplos espaços, incluindo de leitura e escrita.

Nossa perspectiva é que a presente discussão possibilite o despertar para a aprendizagem do sistema de leitura e escrita em Braille no ensino superior, não apenas por

peças com deficiência visual, mas por toda comunidade acadêmica, entre reitoria, funcionários, estudantes, e demais pessoas que compõe a instituição de ensino.

Metodologia

A presente pesquisa segue uma abordagem qualitativa, que irá responder a questões particulares da necessidade de disseminação do sistema Braille para todas as pessoas, envolvendo uma realidade social de exclusão, interferindo nas relações de mundo. Sobre a abordagem qualitativa, segundo Minayo (2007) irá responder a questões atitudinais, na realidade social, nas ações a partir da realidade vivenciada e compartilhada com semelhantes.

Como aporte teórico, para ampliar a discussão em uma perspectiva inclusiva no espaço do ensino superior, estaremos respaldados em discussões permeadas por Ochaíta e Espínola (1993), Birch (1990), Lâredo (2005), Belisário (2005), entre outros que discutem nessa perspectiva inclusiva.

A presente pesquisa, caracterizada enquanto participante, está sendo desenvolvida atualmente na Universidade Regional do Cariri (URCA), se efetivando através do projeto “Cartas para o futuro: quem poderá ler?”, que consiste no ensino do Sistema de Leitura e Escrita em Braille, através da escrita de cartas utilizando esse código. As cartas são entregues mensalmente para as mais diversas pessoas, atingindo os mais variados públicos.

Utilizamos para um melhor desenvolvimento da pesquisa, a observação da execução e desenvolvimento do projeto, bem como entrevista com os alunos que desenvolvem a função de “carteiros”, entregadores de cartas Braille, e por fim, analisamos a experiência e as falas dos envolvidos para uma melhor compreensão dos resultados. Utilizamos uma entrevista semiestruturada, que envolve perguntas iniciais que foram abertas a outras que surgiram no decorrer da entrevista.

As observações estiveram direcionadas ao desenvolvimento do projeto, a sua execução. Observamos todo o processo, que consiste: construção das cartas pelas pessoas; aprendizagem do sistema para a escrita em Braille dentro do Núcleo de Acessibilidade da Universidade Regional do Cariri; utilização e manuseio dos recursos necessários para a escrita e impressões das cartas em Braille; Colagem de selos e envio na caixa de correios que está fixa na universidade; entrega das cartas ao destinatário em sala de aula. As observações foram realizadas do mês de junho até os dias atuais. Consideramos necessária a observação participante, já que “[...] a observação participante proporciona a melhor maneira de obter uma imagem válida da realidade social” (MOREIRA, 2006, p. 204).

Nossa entrevista semiestruturada esteve composta por perguntas abertas sobre a experiências dos “carteiros Braille”, alunos bolsistas do núcleo de acessibilidade do curso de Letras, dialogando sobre a função de entrega das cartas e sua construção, o ensino da escrita Braille para construção da carta. A entrevista teve como foco a reflexão dos resultados que o desenvolvimento do projeto tem alcançado.

Em um primeiro momento, estivemos apoiando e intervendo juntamente com os “Carteiros Braille”, na construção de cartas em Braille, que foram feitas pelas mais diversas pessoas, entre gestores, funcionários e estudantes. Acompanhamos a aprendizagem do sistema Braille para a escrita, o momento da escrita Braille e o envio das cartas na caixa de correios. Em um segundo momento acompanhamos a entrega das cartas pelos bolsistas, intitulados de “carteiros Braille” como relatado anteriormente. Em um terceiro momento, sentamos com os bolsistas para conversa, através da entrevista semiestruturada, para uma melhor compreensão do desenvolvimento do projeto, a partir das vivências de cada um.

Resultados e discussão

Antes de adentrar na discussão que busca refletir sobre a necessidade de práticas inclusivas no ensino superior como forma de transpor barreiras impostas pela sociedade, devemos compreender o público do nosso trabalho, enquanto o indivíduo que poderá desenvolver-se plenamente, caso tenha recursos e suas necessidades atendidas em decorrência da deficiência. A pessoa com deficiência, é definida por conforme Ochaíta e Espínola (1993, p.151) como “uma deficiência sensorial que se caracteriza pelo fato de que pessoas que dela padecem têm seu sistema visual de coleta de informações total ou seriamente prejudicado”.

Na sociedade do passado, a pessoa com deficiência visual esteve permeada de receios, medos, superstições, considerados por muitos como pessoas de espíritos malignos. Por muito tempo a pessoa com deficiência não teve acesso à educação. Em 1832 foi criado o Instituto Real de Jovens Cegos de Paris, o qual recebia jovens cegos, ensinando a leitura e escrita, atividades de vida diária, música, atividades manuais, entre outros. Em 1825, foi criado por um dos alunos do instituto, Louis Braille, o Sistema de leitura e escrita em Braille, desenvolvendo um sistema que atravessa gerações. Para Braille, "Se os meus olhos não me deixam obter informações sobre homens e eventos, sobre ideias e doutrinas, terei de encontrar uma outra forma." (BIRCH, 1990, p.)

Com o passar do tempo observamos a formalização de políticas educacionais que possibilitam o acesso e permeância do educando no espaço escolar nos vários níveis de ensino, dentre elas destacamos a Declaração de Salamanca Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9394/96, setor educação especial; A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008); Lei Brasileira de Inclusão (2015) e a própria Constituição de 1998, prevendo direitos educacionais, como a possibilidade de adaptação de materiais pedagógicos que atendam às suas necessidades, promovendo uma educação de qualidade, acesso e permanência em uma educação para todos. Nesse sentido, segundo Belisário (2005, p.130):

Para que as escolas sejam verdadeiramente inclusivas, ou seja, abertas à diversidade, há que se reverter o modo de pensar, e de fazer educação nas salas de aula, de planejar e de avaliar o ensino e de formar e aperfeiçoar o professor, especialmente os que atuam no ensino fundamental.

Contudo, a exclusão se perpetua ainda nas formas de ensino, incluindo o ensino superior, se efetivando por exemplo, pela falta de discussão em sala de aula, de disciplinas de discutam e auxiliam a prática docente em ações que possam atender as particularidades de cada aluno, pois, no contexto atual, o professor irá receber diversos tipo de alunos, que são público da educação especial, como alunos com deficiência, transtorno global do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. Dentro desse público, encontramos a pessoa com deficiência visual.

A leitura e escritano contexto atual tornou-se uma necessidade, para comunicação, trabalho, para adquirir novas formas de conhecimento. A ausência de leitura e escrita traráprejuízos para o seu desenvolvimento, ampliando mais ainda as desigualdades da pessoa com deficiência, assim, paraLarêdo (2005, p.1),

O ato de ler instiga no indivíduo a criação de senso critico. A leitura é uma condição básica para formar sujeitos capacitados de se inserir na sociedade e exercitar sua cidadania, participando critica e ativamente da construção da historia de seu povo, formulando seus próprios critérios para se questionar como sujeito no seu ato de pensar, sentir e atuar, ultrapassando a fronteira da cultura local a partir da abertura a outras proporções culturais.

Por esse motivo, torna-se necessário promover ações que possam possibilitar o acesso à leitura e escrita através do sistema de códigos utilizados por pessoas com deficiência visual, possibilitando uma forma justa e igualitária de acesso e permanência social.

Os resultados do desenvolvimento do projeto apontam para essa promoção da leitura e escrita, de forma que atinjam a todas as pessoas e não apenas a pessoas com deficiência visual, que geralmente já sabem o código. É necessário que todas as pessoas possam conhecer a forma de leitura e escrita do outro, para eu possamos manter uma comunicação e possamos nos sentir incluídos em todos os espaços.

Em um primeiro momento, quando estivemos apoiando e intervindo juntamente com os alunos bolsistas do núcleo de acessibilidade, intitulados “Carteiros Braille”, observamos a possibilidade de aprendizagem de pessoas que até então não tinham nenhuma noção do que seria esse sistema. Ao escrever a mensagem da carta, as pessoas começaram a aprender o sistema Braille, reconhecer letras, identificar significados do Braille em caixas de remédios, sapatos, entre outros objetos que já é possível visualizar essa forma de acessibilidade. As pessoas na construção das cartas, estão aprendendo a utilizar os recursos de escrita Braille, por meio da utilização de *regletes*¹ e *punções*², ou pela impressão em Braille através de programas tecnológicos que possibilitam a escrita construção das cartas, que foram feitas pelas mais diversas pessoas, entre gestores, funcionários e estudantes.

Ao observar a entrega das cartas, estamos visualizando a ansiedade da espera dos destinatários e a curiosidade daqueles que não receberam e ainda não sabem do que se trata, possibilitando o despertar do interesse pelo código.

Nos resultados da entrevista semiestruturadas, identificamos nas falas dos envolvidos, os resultados positivos do desenvolvimento do projeto na Universidade. As cartas possibilitaram o envolvimento e percepção de nos estudantes da necessidade de compreender o mundo e a forma de leitura e escrita do outro, adquirindo o conhecimento acerca do sistema Braille. Para os bolsistas, “carteiros”, o fato de entregar as cartas em Braille tem causado a curiosidade em uma não recebeu, e a curiosidade em identificar uma mensagem ao destinatário recebeu. O reconhecimento da relevância do projeto é evidenciado pelo seguinte depoimento:

Tem sido bom ensinar o Braille aqui na Universidade. Antes só quem sabia éramos nós, eu trabalhamos aqui no Núcleo, no NUARC, hoje já podemos inclusive mandar e receber uma carta em Braille, e alguém transcrever e dizer o que está escrito. Espero que o projeto continue.

¹ Material utilizado estilo uma régua para perfurações dos pontos em Braille

² Material utilizado para escrita Braille para escrita em Braille

por muito tempo, e assim possamos alcançar mais pessoa Poderia de sair da universidade, levar caras em Braille para o comercio, não pode professora? (risos) (Bolsista do projeto E.A. em 01 de julho de 2018).

Para além de todas essas questões, identificamos a interferência do projeto ainda na disciplina de Sistema de Leitura e Escrita em Braille do curso de letras, cada vez mais alunos vem procurado fazer matricula na disciplina como forma de aprender o sistema.

Conclusão

Apresentamos a necessidade do desenvolvimento de projetos que possibilitem o desenvolvimento de práticas inclusivas para promoção do acesso à leitura e escrita das mais variadas formas, como o acesso a pessoas com deficiência visual.

O sistema Braille merece atenção especial no processo de aquisição de leitura e escrita, devendo estar inserido no ensino desde a educação infantil, para aprendizagem do código de escrita. Nessa perspectiva, a pessoa iria sentir-se incluído desde cedo, chegando ao ensino superior com essa aprendizagem adquirida, como forma de ampliar e manter a comunicação com a pessoa cega diminuindo as barreiras comunicacionais.

Cabe dizer que a intervenção do protejo “Cartas para o futuro: quem poderá ler?” na Universidade Regional do Cariri, torna-se necessário já que temos apresentadores resultados positivos na construção de uma sociedade mais inclusiva, desenvolvendo a aprendizagem de um no sistema de leitura e escrita, que é utilizado por pessoas com deficiência visual. Com o desenvolvimento do projeto, pessoas sem deficiência visual passaram a escrever em Braille, aprender o sistema de códigos de escrita proposto por Louis Braille. Compreendemos que caso esse aluno da Universidade Regional do Cariri, que desenvolveu a aprendizagem do sistema possa estar atuando em escolas, ou universidades enquanto docentes, poderão desenvolver e levar essa nova forma de comunicação, e caso tenham educandos em suas salas com deficiência, promover o processo efetivo inclusivo para esse aluno.

Ainda, os resultados alcançados na disciplina de Braille, com o aumento de matrículas dos alunos, bem como na interação entre o ensino do Braille propostos pelos bolsistas do núcleo de acessibilidade e estudantes sem deficiência, tem sido outro fator extremamente positivo, de interação e aprendizagem.

Concluimos assim, que estaremos, ao desenvolver o projeto em questão, auxiliando no processo de inclusão do sistema Braille para as mais variadas pessoas, atendendo um desejo

do público com deficiência visual que atuamos, que em suas vivências relatam tristeza e insatisfação por não terem com quem se comunicar através do sistema Braille, por falta de conhecimento das demais pessoas.

Referências

BELISÁRIO, J. **Ensaio pedagógico**: construindo escolas inclusivas. Brasília: MEC, SEESP. 2005.

BORGES, José Antonio dos Santos. DoBraille ao DOSVOX – diferenças nas vidas dos cegos brasileiros – Rio de Janeiro: UFRJ/COPPE, 2009.

BIRCH, Beverley. Louise Braille personagens que mudaram o mundo os grandes humanistas. Rio de Janeiro: Globo, 1990.

BRASIL. Presidência da República. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**, 2008. Disponível em: <www.mec.gov.br/seesp>. Acesso em: 29 ago. 2016.

BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria Nacional dos Direitos Humanos. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência – CORDE. **Declaração de Salamanca e Linha de Ação**. Sobre necessidades educativas especiais. 2.ed. Brasília: CORDE, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL, LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015. Dispõe sobre a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm> . Acesso em : 04 ago. 2015.

LARÊDO, Salomão, Significado social da leitura, Disponível <http://www.anj.org.br/jornaleeducacao/biblioteca/artigos/significado-social-da-leitura>: Acesso em: 15 de agosto 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 25. ed. Revista e atualizada. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.



MOREIRA, Herivelto. CALLEF, Luiz Gonzaga. **Metodologia da Pesquisa para o Professor Pesquisador de sua Prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

OCHAÍTA Esperanza; ESPÍNOLA M^a Ángeles. Desenvolvimento e intervenção educativa nas crianças cegas ou deficientes visuais. In: COLL, César; PALACIOS; MARCHESI, Álvaro (Org). Desenvolvimento psicológico e educação. 3 ed. Porto Alegre: Artes Medicas, 1995-1996. p.151-170.

ANEXO

ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA (ALUNO BOLSISA CARTAS BRAILLE)

I Elementos pessoais

Não precisa do nome.

Participante da Entrevista:

Idade:

Curso:

Estudou com alunos com outras deficiências na sala de aula no ensino superior:

Profissão:

Endereço:

II Concepções sobre a possibilidade de inclusão e aprendizagem do sistema braile a partir do desenvolvimento do projeto “Cartas para o futuro: quem poderá ler?”

Comente sobre:

- Conceito acerca da inclusão e aprendizagem do sistema Braille no ensino superior;
- Exemplos de situações vivenciadas com alunos com deficiência visual no núcleo de acessibilidade da URCA;
- A importância do uso sistema BRAILLE para inclusão no ensino superior;
- Como você compreende de importância da utilização do software para construção de trabalhos de conclusão de curso;
- Analisar os impactos do desenvolvimento do projeto “Cartas para o futuro: quem poderá ler?”;
- Avanços observados após o ensino e aprendizagem do sistema para pessoas envolvidas
- Avaliação da experiência com o projeto